

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

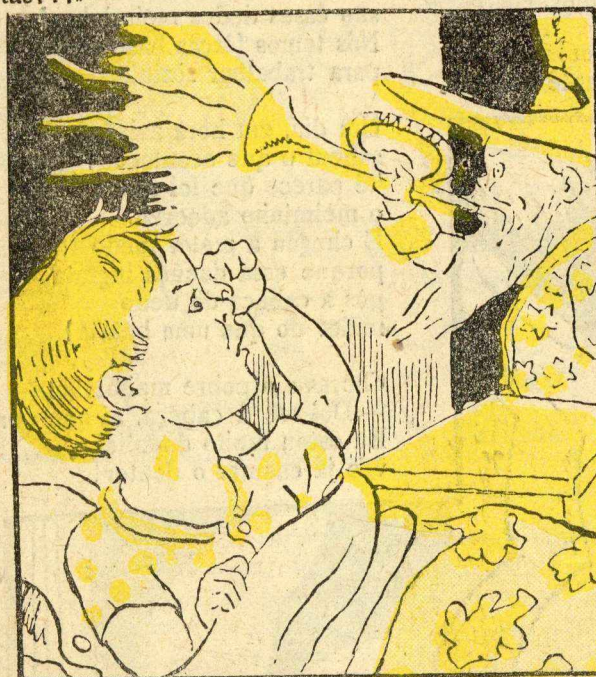
DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA**A VOCAÇÃO DO FERNANDINHO**Por ANÃO SABICHÃO  
Desenhos de A. CASTANE

**E**RA dia de parada na Avenida. O Fernandinho, entusiasmado, ao ver tantos regimentos de soldados com as suas fardas vistosas, disse-me resoluto:

— «Que vida tão reinadia deve ter um soldado! Eu, também, hei-de ser da tropa. Quero vestir uma farda, assim, linda, cheia de galões e doirados, ter uma espada brilhante, um cavalo para passear.»

— «Tudo isso é muito bonito, amigo Fernandinho! — Tu pensas que os soldados não têm mais nada que fazer senão passear?!...»

— «Pois sim!... Mas passam vida divertida! Sempre a ouvirem o taratá-tá-tá das cornetas...» —



— «Que os fazem andar a nove!»  
— Já lhe disse, Anãozinho, que o meu gosto era ser soldado! Entrar em guerras, em combates!...» —

— «Então, vamos fazer uma combinação! Amanhã vais experimentar a vida de soldado. Quereres?» —

Encantado com esta ideia, o Fernandinho via-se já general em chefe de muitos batalhões e aceitou a minha proposta, cheio de entusiasmo.

— «Taratá-tá-tá! Taratá-tá-tá!...»  
— «Que diabo de barulho é este?!» — exclama o meu amiguinho, sentando-se na cama, alvoroçado. Era eu que, à porta do seu quarto, tocava uma corneta com toda a força.

Habitado a ser acordado, de mansinho, pelos beijos da mãe, o Fernandinho fica furioso com aquela música infernal.

— «Porque me acordam tão cedo?» — exclama, ao ver, em roda, tudo às escuras.

— «Cinco horas da manhã é o toque da alvorada, para os soldados se levantarem.» — Digo-lhe, autoritário.

Fernandinho, muito embatucado, gagueja:  
— «Se é assim que os soldados acordam... a Conceição que me venha vestir.» — remata, resignado.

(Continua na página 4)

# DEDOS DESORDEIROS

Por LAURA CHAVES

A senhora mão direita era mãe de cinco filhos e vivia contrafeita, sempre em constantes sarilhos, porque os dedos, seus meninos, não se davam nada bem, eram tolos, os mofinos, ralavam a pobre mãe.

O mais velho, atarracado, o menino polegar: um pateta enfatuado, passava a vida a ralhar.

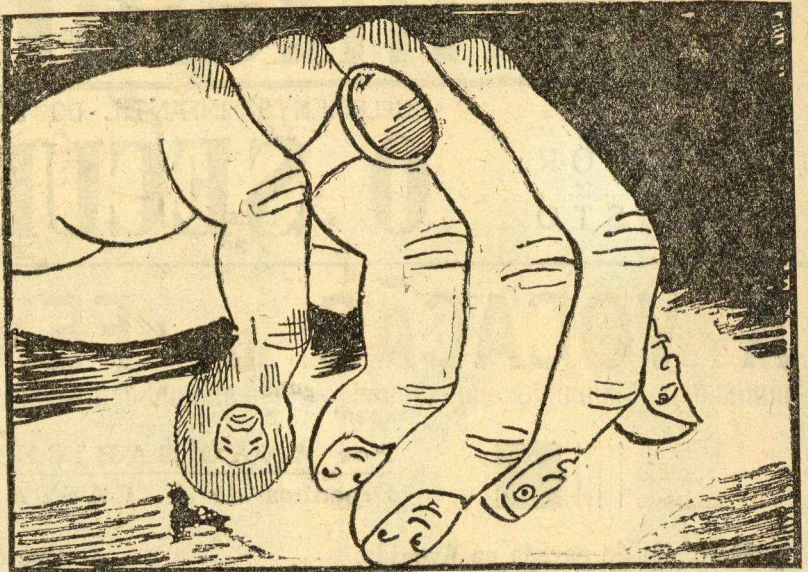
O indicador, pelos modos, mostrava-se inconveniente, apontando tudo e todos muito malcriadamente.

O mais alto, o dedo médio, era estúpido e ruim. Não havia outro remédio... Tinham de o *grammar* assim.

O anelar dava leis, um toleirão imodesto. Por ser rico, usar anéis, tratava os outros de resto.

O mais pequeno, o meiminho, se havia rixas das bravas, era o seu *arre-burrinho*, só êle pagava as favas.

Mas, quando havia trabalhos, coisas sérias a agarrar, e a mãe, à fôrça de ralhos, os fazia trabalhar,



era o meiminho, o pequeno, que mostrava mais valor na faina calmo e sereno, trabalhava com ardor.

O médio que se diz pai dos outros, como é sabido, gritava: — Ai, ai, ai, ai, ai, que trabalho aborrecido!

Depois, punha-se a insultar o mais velho, abrindo os olhos, a quem chegava a chamar o mano mata-piolhos.

Faziam vida medonha, sempre em constante questão.

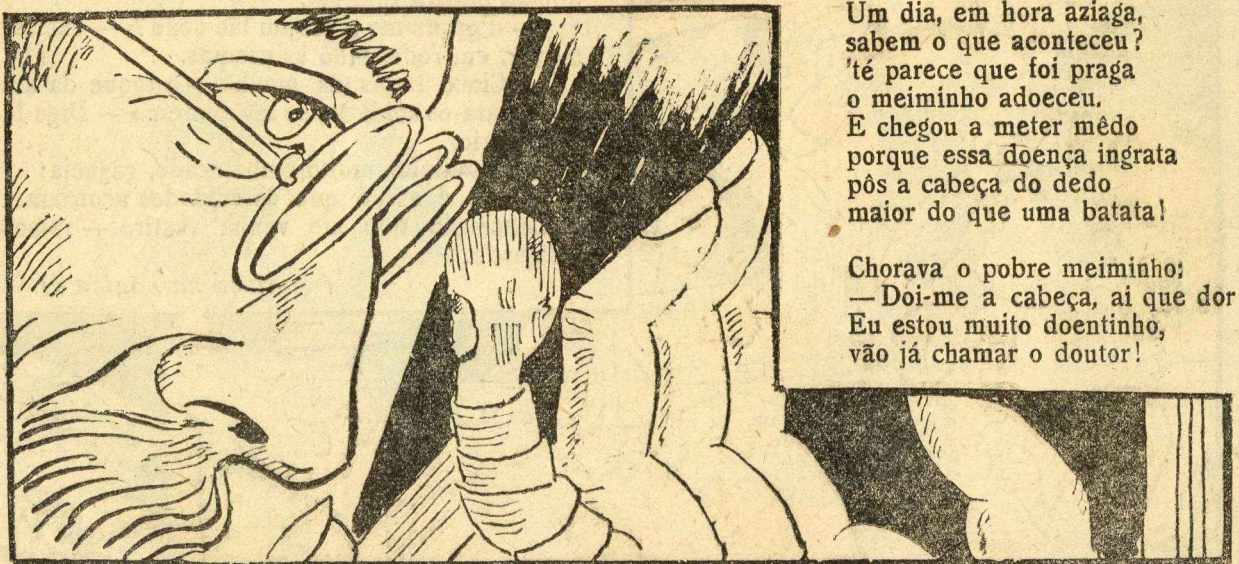
Que vexame e que vergonha para a desditosa mão!

O meiminho, como disse, trabalhava com critério, fugindo da mandriíce, tomando o trabalho a sério. Troçavam dêle, em voz alta, os outros, dizendo assim: — Ninguém lhe sentia a falta se morresse êste alfenim.

Que miúdos tão pedantes são êsses dedos meiminhos! Nós temos fôrças bastantes para trabalhar sòzinhos.

Um dia, em hora aziaga, sabem o que aconteceu? 'té parece que foi praga o meiminho adoeceu. E chegou a meter mêdo porque essa doença ingrata pôs a cabeça do dedo maior do que uma batata!

Chorava o pobre meiminho: — Doi-me a cabeça, ai que dor! Eu estou muito doentinho, vão já chamar o doutor!



# OS ESCOTEIROS

■ ■ ■ POR MANUEL FERREIRA ■ ■ ■

**A**NTONINHO estava à janela na sua casinha dos arredores de Lisboa. Em dada altura, voltou-se e gritou:

— «Mamã, mamã, que vontade de rir! Olhe para aqueles rapazes, já quasi uns homens, de calção curto, lenço ao pescoço e chapéu tão grande! O que quer dizer aquilo, mamã?»

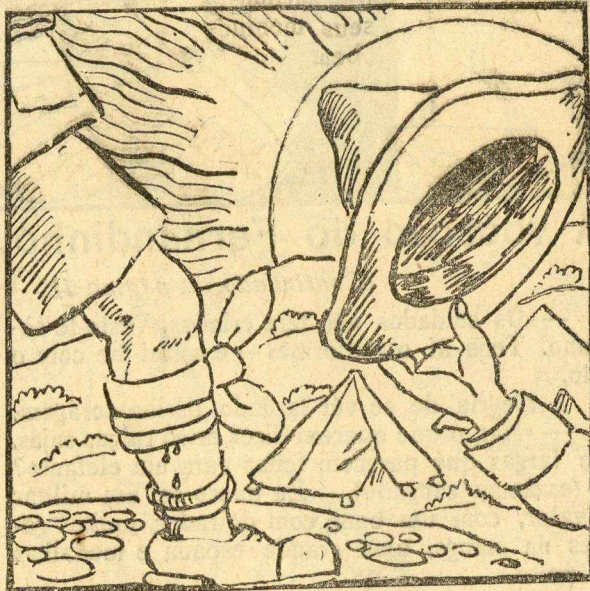
D. Maria, entretida nos seus trabalhos de costura, levantou-se complacente e assomou à janela. Na rua, correctos e disciplinados, alguns escoteiros regressavam dum acampamento, alegres e satisfeitos. Grandes mochilas às costas, uma bandeira colorida numa vara, e os rapazes lá seguiam conversando entusiasmados sobre o passeio. D. Maria, que seguira atenta a marcha dos escoteiros, retorquiu:

— «São escoteiros! O que é que te dá vontade de rir?»

— «O fato... — replicou Antoninho. — Para que são aqueles calções curtos, o lenço no pescoço, aquele pau? Porque é que o chapéu é tão grande? O que é que eles fazem?»

A mãe do pequeno, respondeu-lhe:

— «Ser escoteiro é ter uma das mais bonitas ocupações. Os escoteiros vivem ao ar livre, no

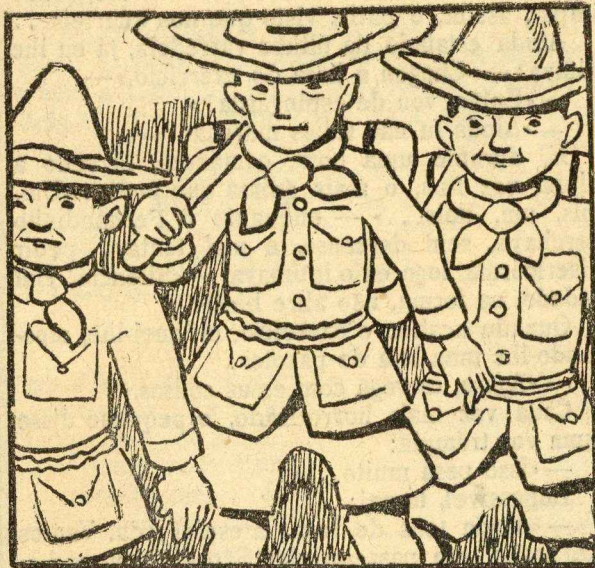


campo, conhecem as plantas e os animais úteis e venenosos. Sabem fazer os seus alimentos, orientam-se de dia pelo sol e de noite pelas estrelas. Armam as suas barracas, onde passam as noites de verão, ouvindo cantar as cigarras ao desafio. Admiram as paisagens, correm pelos campos, e, com o auxílio de cordas, trepam aos rochedos. Sabem nadar e auxiliam o seu semelhante em perigo. Adoram Portugal; conhecem a sua história e a sua corografia. Têm uma lei que lhes diz que devem ser bons, valentes, respeitadores e económicos.»

— «Bem — interrompeu o Antoninho, — mas para que é aquele fato tão exquisito?»

— «O calção — continuou D. Maria, paciente — deve ser curto para poderem subir mais facilmente a uma árvore, para correrem, para saltarem com mais ligeireza. O lenço serve de ligadura para um ferimento. O pau serve para armar as tendas e para, com os lenços, fazerem macas ou camas de campanha, e o chapéu para proteger os rapazes dos raios do sol. Já vês que tudo tem aplicação!...»

Antoninho ouviu, em silêncio, as palavras da mãe. E, dentro de poucos dias, foi inscrever o seu nome num grupo de escoteiros.



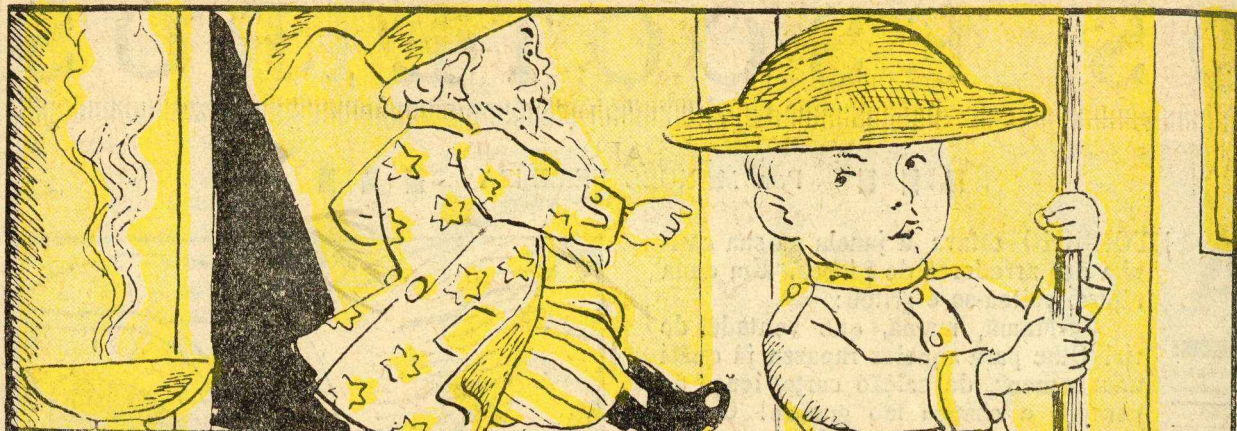
O anelar chega-lhe às cegas, pois grande raiva o impele, e diz: — Vai ver o piegas como trabalham com êle.

Veio o doutor Aparício, homem de grande sabença, disse que era um paranício, uma terrível doença.

Tão mal o doutor o acha que o meteu em algodão, pôs-lhe capa de borracha, depois envolveu a mão numa grande ligadura, obrigando, de repente, todos à mesma clausura, tanto os sãos como o doente.

E quando o médico, um dia, acabada essa infecção lhes deu carta de alforria, os dedos viram-se então iguaizinhos na aparência, todos magros e chupados, sentindo a mesma indolência,

(Continua na página 5)



## A vocação do Fernandinho

(Continuado da página 1)

— «Os soldados não têm criadas. Veste-te sozinho. Tens aí o uniforme» — e atirei-lhe com o fato.

A alegria de se vêr fardado, dá-lhe corágem.

— «Mas o que querem dizer estas calças sujas, tão largas que parecem feitas para um elefante?» — (exclama zangado). — Eu quero ser um militar a valer, com um boné com doirados, muitos galões na manga, uma grande espada e medalhas ao peito.»

— «Antes de chegares a oficial, tens de ser soldado». — Tornei, cheio de autoridade.

Mal humorado, o Fernandinho começou a ar-

Ao dar com os olhos no que estava sobre a mesa, ficou estarecido.

Só tinha diante de si uma tijela com café.

— «Este é o mata-bicho dos soldados». — expliquei-lhe, com ar de troça.

Enfiado, o Fernandinho já nada respondeu, bebendo a droga, sem pestanejar.

— «Agora, vamos ao serviço. Pega nesse balde e nessa vassoura. Vais fazer a limpeza do pátio».

— «Eu!?» — exclamou o rapaz, revoltado.

— «E' assim que os soldados limpam os dos quartos».

O Fernandinho não teve mais remédio, senão limpar, assim, o pátio, visto que nos quartos...

Ainda estafado da última varredela, já eu lhe gritava: — «Chegou a hora do exercício.» —

— «Então, vou de espingarda?»

— «Ainda tu não sabes marchar!» —

E, durante uma hora, comandi, fazendo a minha voz fina, o mais gróssa que podia: «Um, dois, um, dois...» — enquanto o Fernandinho marchava, sem descanso, e mal tentava pedir misericórdia, logo eu o intimava: — «Silêncio! Um soldado, na forma, não abre bico».

Quando acabou o exercício, ordenei-lhe, mostrando-lhe uma lata de pacotes:

— «Agora, carrega com essas cousas.»

Cada vez mais horrorizado, o pequeno disse numa voz trémula:

— «Isso pesa muito...»

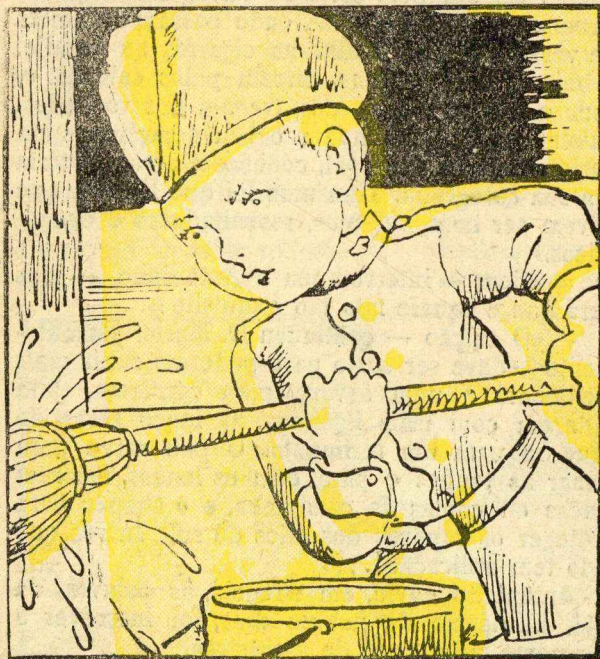
Impassível, tornei:

— «Ainda tens de levar a espingarda. Vamos dar, assim, um passeiozinho. São quási nove horas. Andamos até às catorze, ao sol, para te habituares...»

— «E o almoço?» — perguntou o Fernandinho, aflito.

— «Almoças às catorze. Depois aprenderás a pegar na espingarda e a apresentar armas, até às seis. Em seguida ao jantar...»

— «Vou deitar-me?»



ranjar-se, mas assim que meteu as mãos na água, berrou:

— «Dêem-me água quente!»

— «Os soldados não têm disso! E escusas de falar mais, porque só tens um quarto de hora para te vestires, fazeres a cama e almoçares.»

A tôda a pressa, com a idea do bom chocolate e torradas, o pequeno lá se vestiu e fez a cama, conforme pôde.

(Continua na página 7)

# O CESTINHO da COSTURA

◆ ◆ SECÇÃO PARA MENINAS ◆ ◆

POR ABELHA MESTRA

Querida Inês:

Não me disseste, na cartinha que me escreveste, a tua idade, mas adivinho que ainda és muito pequena e, por isso, queres um trabalho muito fácil para pintar!

Também não me disseste como gostarias mais da almofada; contudo vai o desenho à minha escó-lha, sem saber se te agradará ou não.

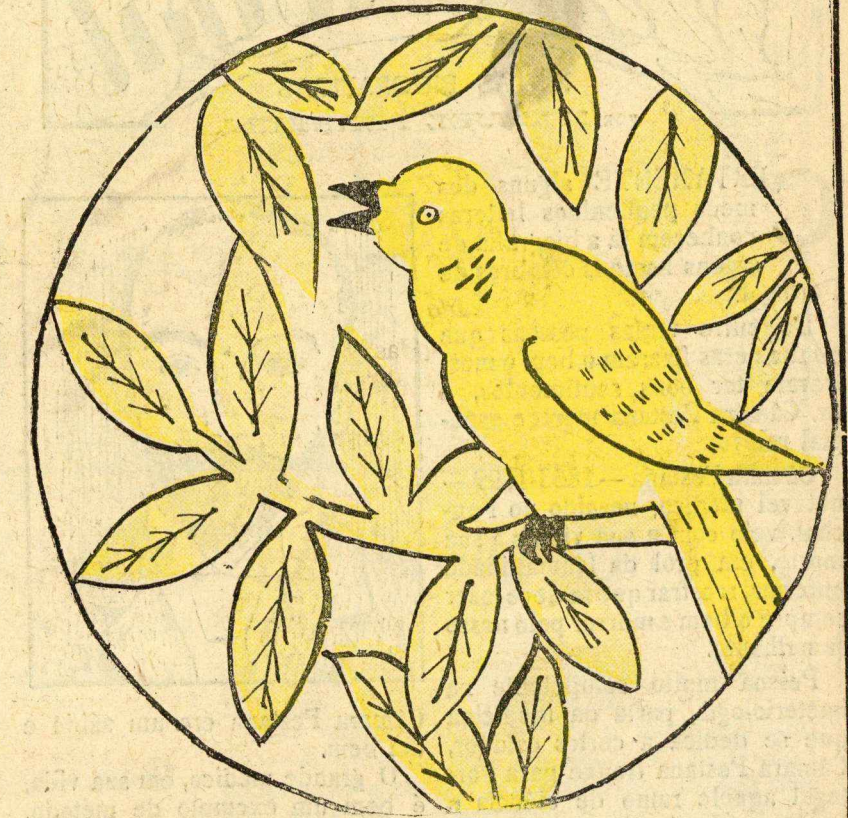
Arranjas um bocado de pano, cru, forte e, sobre ele, é que vais fazer o trabalho.

Esse passarinho que vês a cantar, vais pintá-lo em amarelinho claro e dás-lhe umas pinceladas brancas e castanhas.

O bico e os pés são pretos. Para as folhas, escolhes um verde seco e dás-lhe, no meio, um tom mais escuro. Os troncos são castanhos.

Quando tiveres a pintura acabada e bem seca, vais, então, armar a almofada. Cortas uma ro-dela do mesmo pano cru e igual à que cortaste para pintar.

Depois coses as duas pelo lado do avêso, deixando por coser só



o espaço preciso para poder voltar o trabalho do direito. Enches, então, com sumáuima e depois acabas de coser com um ponto dis-farçado.

Para terminar, pões um cordão

a tôda a voífa ou uma tranjinha de lã preta, o que ainda é mais bonito.

Recebe um abraço da,

Abelha Mestre

## DEDOS DESORDEIROS

(Continuação da página 3)

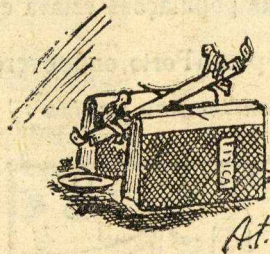
tão débeis, tão engelhados que trataram de se unir todos cinco no labor sem nunca mais discutir quem tinha maior valor; e viram quanto era falho o seu toldado bestunto pois não há melhor trabalho do que o trabalho em conjunto.

Tem conceito educativo e é esta a sua moral: «O trabalho colectivo vence o individual.»

## ARRE, BURRINHO!

Vou-lhes ensinar como se faz duma vela um engraçado baloço que se move por si próprio.

Com um arame previamente aquecido na chama dum candieiro atravessa-se, justamente pela metade do



seu comprimento, uma vela de estearina em que se tenha raspado a parte inferior, de modo a fazer aparecer o pavio.

Coloca-se, em seguida, a vela sobre dois suportes — dois livros por exemplo — cujo ponto de apoio é o arame

que se atravessa. Dois bonecos de cartão recortados num bilhete de visita e 2 pires, colocados, respectivamente, na parte superior e inferior a ambas as extremidades da vela, completam o engraçado baloço.

Basta agora acendê-la nos dois pontos indicados e esperar pelo resultado: assim que a primeira gôta de estearina se desprende duma das suas extremidades, a vela inclina-se para o lado opôsto e, assim sucessivamente, consoante o desprendimento de gôtas dum ou doutro lado.

Os pires são destinados a receber essas gôtas de estearina.

## A NECDOTA

Receltando certo medico a um saloio doente umas pílulas, o saloio tomou uma e guardou as outras, não querendo tomá-las. O medico veio, e perguntando a razão porque não continuava a tomar as pílulas, teve esta resposta do saloio: «Porque ainda estão muito verdes. Amargam muito e quero deixá-las amadurecer.»

# Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRÁFICAS  
POR MANUEL FERREIRA

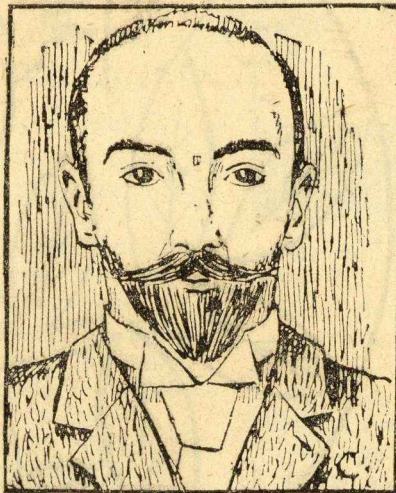
**C**ERTAMENTE alguns dos meus pequeninos leitores conhecem já a biografia de alguns homens célebres de Portugal.

De entre tantas pessoas que noutras eras fizeram o bem e mostraram ter bons sentimentos, o dr. Câmara Pestana merece especial relevo.

Câmara Pestana — 1863-1899 — notavel médico, nascido no Funchal, veio com a sua vida e a sua morte, em prol da Humanidade enferma, mostrar que se deve fazer sempre o bem e morrer pelo nosso semelhante.

Pessoa muito competente na bacteriologia, parte da medicina que se dedica a certos estudos, Câmara Pestana trouxe para Portugal aquele ramo de ciência e fundou o Instituto que os meus meninos certamente conhecem.

Estudando sempre, trabalhando com grande entusiasmo, descobrindo novos processos de curar, fazendo da Medicina uma arma contra os flagelos da Humanidade, sempre a par das inovações que apareciam por esse mundo fora,



Câmara Pestana era um sábio e um bom.

O grande médico, em sua vida, é bem um exemplo de método, amor ao Estudo, iniciativa e responsabilidade dos próprios actos. A sua morte foi, também, um exemplo de sacrifício.

E sabem os meus meninos porque é que êle morreu no vigor da vida? Vou-lhes contar:

Lavrava uma enorme epidemia no Porto. Os hospitais estavam cheios. Era enorme o risco de contágio. Falava-se na vinda a Portugal de médicos estrangeiros para atacar a doença. O grande sábio vê, patriota como era, que a vida das populações estava em perigo.

E parte para o Porto, onde exerce

(Continua na pagina 7)

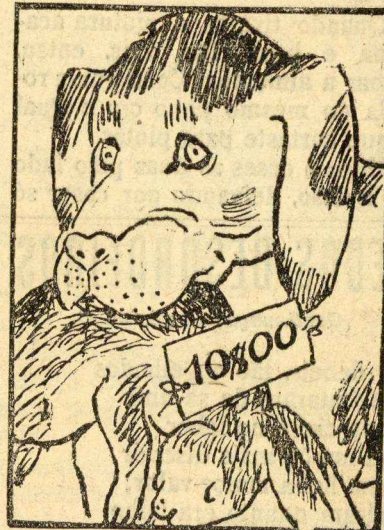


## O CAÇADOR ZÉ MARIA

Por CARFLÓFER

Nesta abertura da caça,  
Zé Maria o dia passa  
Na ferrenha tentação;  
Mas, por mais tiros que empregue,  
Dar no alvo não consegue,  
Com arrelia do cão.

À tarde, bôlsa vazia...  
— O que a mulher não diria!  
Topa o caçador Furão.  
Do amigo segue os conselhos  
E compra-lhe três coelhos,  
Com grande pasmo do cão.



A mulher fica abismada  
Pela inédita caçada  
Que lhe causa confusão:  
No entanto gaba a façanha,  
E o Zé todo se arreganha  
Sob o olhar vesgo do cão.

Já ia o jantar em meio,  
Quando a cozinheira veio  
Introduzir o Furão...  
Mas tanta asneira êste disse,  
Que descobre a intrujice,  
Com grande gáudio do cão!



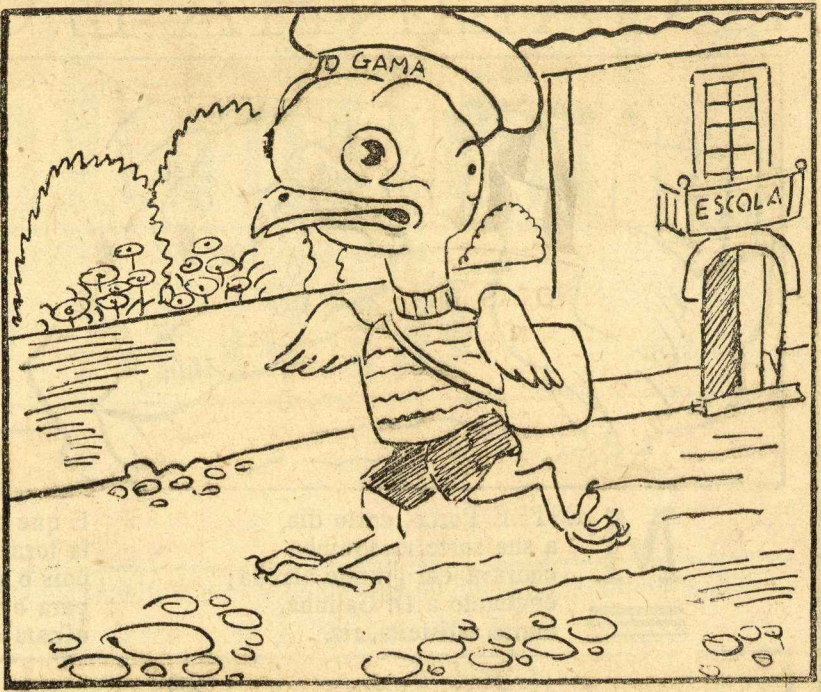
# GRANDES DE PORTUGAL PARA OS MENINOS COLORIREM

(Continuação da pagina)

uma acção admiravel, dia e noite, sem descanso do corpo nem do espirito. Vence.

A doença terrivel abandona o Porto. E Câmara Pestana morre no seu posto, manifestando os sentimentos mais belos. Morreu, como vivera, dedicado ao seu semelhante e procurando levantar o prestígio do nosso querido Portugal.

Não vos enfado mais, meus meninos. Aqui vos fica este episódio da História de Portugal, o 1.º duma série que eu tenciono contar-vos. Meditai bem nele e vêde que a nossa História é toda ela uma sucessão de factos que a tornam a mais linda História de mundo.



■ ■ F I M ■ ■

## A VOCAÇÃO DO FERNANDINHO

(Continuação da pagina 4)

— «Qual! Vais mas é fazer sentinela até à meia noite».

— «Eu tenho medo».

Estou tão cansado!... — gemeu, numa vozinha trémula.

— «Um soldado não se cansa.»

Fernandinho reflectiu um pedaço.

— «Então os soldados nunca se batem?»

— «Só se batem depois de, durante muito tempo, fazerem todos os dias o que te estou obrigando a fazer hoje.»

— «Todos os dias!? (atalhou, o pobre pequeno já cheio de soluços). — Parece-me, Anãozinho, que

não é esta, afinal, a minha vocação... Não tenho jeito para ser militar todos os dias...»

Eu, então, muito sorridente, falei-lhe assim:

— «E' preciso não desanimares! Mais tarde, poderás vir a ser um bravo soldado, quando tiveres idade de compreender o que deves à tua Pátria e fôrça e corágem para a servir. Mas, enquanto não chega esse tempo e como ainda não acertaste com a tua vocação, vai dar um beijo à tua Mãzinha que tanto se tem ralado com a lição que eu te dei hoje! Lembra-te sempre: reflecte bem, primeiro que tomes qualquer resolução!»

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

## O Nosso Concurso: — UMA VILA COMPLETA

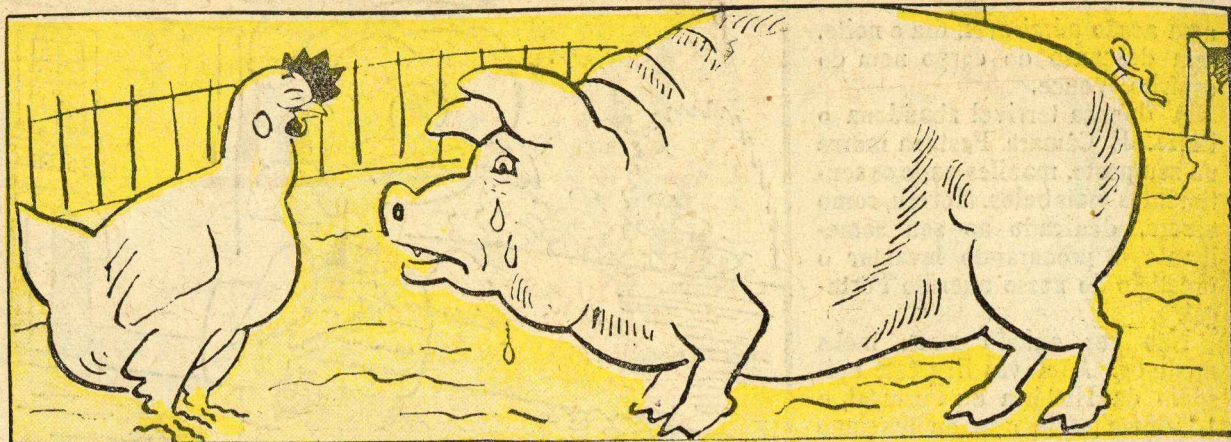
Terminando amanhã o prazo para entrega de provas do nosso grande concurso, avisamos os pequeninos concorrentes de que, por estes dias, deve reunir o júri para apreciação e classificação de trabalhos.

No próximo número publicaremos a lista dos premiados. Entretanto acusamos a recepção de provas de mais os seguintes concorrentes:

- Maria Alice Morada Braga
- João do Nascimento Corujo
- José da Paz Bica
- Carlos Manuel Teixeira de Castro
- João Lança Pancada
- Maria da Natividade Perdigão Vilhena Capeta

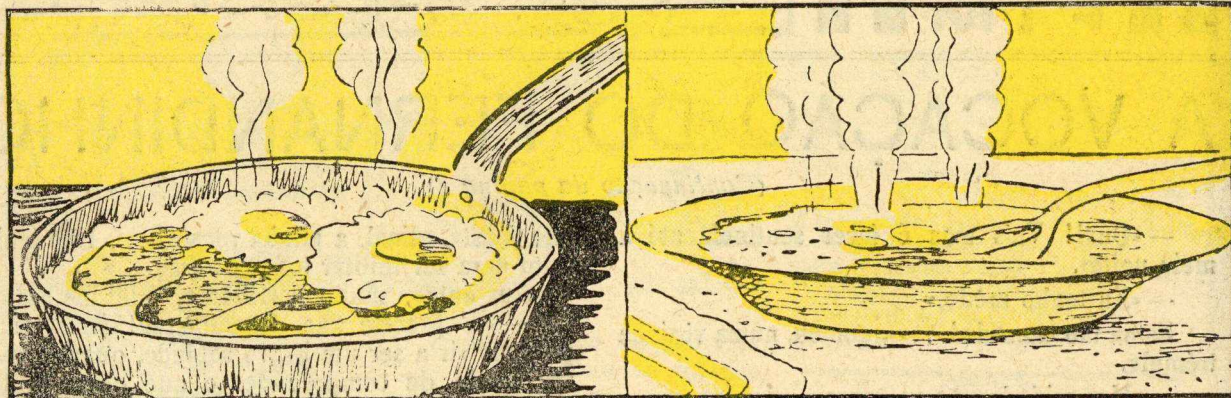
- Manuel de Sousa
- Fernando Alves da Cruz
- Manuel José de Oliveira Nogueira
- Maria da Conceição Gouveia Guerreiro
- Maria Celeste Guerreiro Lima
- Maria Fátima Palmela F. da Cunha
- Maria Luiza Fernandes
- Alvaro Palmela Ferreira da Cunha
- Maria Lucia Palmela Paixão
- Candido Freire Colaço
- Fernando Rodrigues de Oliveira
- Maria da Conceição Serra e França
- Carlos Alberto Coias Fonseca
- Guilherme Salgueiro Vicente
- Maria Tereza Guerreiro França
- Lénia Perdigão Vilhena Capeta
- Alberto Antunes Martins

# A GALINHA E O PORCO



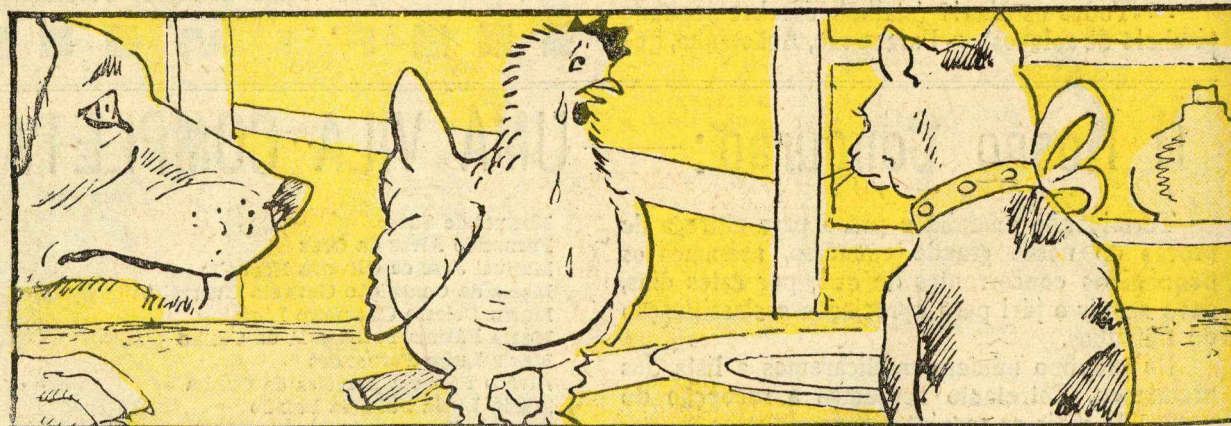
**M**ESTRE Porco, certo dia, a sua sorte mesquinha chorava em grande arrelia; enquanto a D. Galinha, muito satisfeita, ria.

E que o dono — (estão a ver?) — ia torná-lo um defunto, pois o mandara abater para o tornar em presunto e com ovos o comer.



A' galinha os ovos pôr, não lhe causava arrelia, por isso, com belo humor, a galinha ria, ria, sem sentir a alheia dôr.

Mas, umas horas depois, aparece a cozinheira e leva os nossos heróis para o pé da frigideira, dando a mesma sorte aos dois.



— «Porque me matam, pergunto? — (ao gatinho e ao cão da casa, interroga o seu bestunto:) — se da minha perna ou asa não podem fazer presunto?!»

Volvem, nisto, o gato e o cão: — «Não! Mas podem fazer canja!» E eis dêste conto a lição: *Quem ri dos tristes, arranja sorte igual por sua mão.*